

# Salvar os afogados

• Há duas circunstâncias novas neste repique da crise política, e elas sugerem que pode surgir agora um novo pacto entre os governistas. Pela primeira vez desde o início da guerra entre os senadores ACM e Jader Barbalho, eles se encontram em posição de empate, enfrentando cada qual sua dificuldade. Outra novidade é que, agora, há também um tucano na roda, correndo os mesmos riscos.

E não se trata de qualquer tucano, mas do líder do governo no Senado, José Roberto Arruda. Até aqui a crise no Senado envolvia apenas o PFL e o PMDB, partidos de ACM e Jader. Agora ela alcançou diretamente o PSDB e o governo. Aumentou, pois, o número dos interessados numa saída não sangrenta, o chamado cortar na carne, que cruamente traduzido resultaria na cassação dos responsáveis pela violação do painel eletrônico de votação. Suspeitos, por ora, ACM e Arruda. O Senado cassando ACM ainda soa como idéia fora do lugar, deslocada das possibilidades reais. Mas a Câmara já cassou um presidente. Quando a dinâmica de uma situação ganha autonomia, tudo pode acontecer. A não ser que a solução negociada se imponha antes de se chegar ao ponto crítico. Isso é o que interessa a todos agora, menos à oposição, pois ninguém acha que ACM e Arruda poderiam ser cassados sem que nada acontecesse ao presidente do Senado, Jader Barbalho, cuja situação também se agravou com o avanço da devassa na Sudam. Os três maiores partidos já trabalham por essa solução negociada.

Paulo Hartung (PPS-ES), como outros senadores da oposição, desconfia de que os acontecimentos marcharão mesmo nesta direção, mas adverte.

— De fato, as forças go-

vernistas nunca tiveram melhor oportunidade de repactuar-se. Mas se acontecer um acordão para acomodar todo mundo sem punição exemplar, sem cortar na carne, será a desmoralização institucional do Senado — diz ele.

O desespero, agora mais bem distribuído, produziu reuniões de caciques do Senado desde as primeiras horas da manhã. A última produziu o que parece ser o primeiro passo do acordo: a decisão de Jader de entregar a conclusão das investigações à corregedoria, ocupada pelo senador Romeu Tuma. Antes mesmo de que ele terminasse de falar, Pedro Simon e Roberto Freire, sentindo o cheiro de manobra, pediam questões de ordem. Pareceu-lhes, e também aos que protestaram depois, que isso foi um meio de esvaziar o Conselho de Ética, órgão mais plural e independente. Mas ficou assim mesmo, e Tuma, que tem a confiança de todos, instruirá o processo.

Quanto ao empate no degrau mais baixo a que chegaram ACM e Jader, isso também corrobora a idéia de que esteja próximo o armistício. Até aqui, havia sempre um deles em vantagem, e isso dificultava o cessar-fogo. Podem agora se afogar juntos, a menos que sejam salvos por esta rede que os três partidos começam a tecer — ainda que lá fora a repercussão seja a pior possível.

- A força da vaidade e da ambição é bem conhecida na política. Nem tanto a da curiosidade. O único lucro dos que mandaram violar o painel do Senado foi saber como cada um votou.